

Entrevista

Prof. Dr. Tiago Luís Gil
(Universidade de Brasília)

Espacialidades: A Revista Espacialidades traz em seu 10º volume o dossiê “História e Espaços”. Nos últimos anos o senhor vem se dedicando ao desenvolvimento de estudos no Brasil Colônia, estabelecendo um forte diálogo com a História digital e a História espacial. Nesse sentido, os seus estudos contribuem em grande medida com o tema do dossiê. Gostaríamos que o senhor falasse um pouco sobre essas novas ferramentas e metodologias de pesquisa histórica e como elas se cruzaram com a sua própria trajetória acadêmica.

Prof. Dr. Tiago Gil:

O uso dessas tecnologias apareceu como uma necessidade da pesquisa. Ainda no mestrado, senti necessidade de me expressar em termos cartográficos, já que estudava uma fronteira. Acabei usando um mapa do IBGE editado com recursos bastante pobres. No doutorado isso voltou por conta do problema de pesquisa. Minha pergunta dizia respeito ao processo de formação da confiança entre negociantes e saber se o contato social era influenciado pela geografia pareceu importante. Na época o *Google Earth* tinha sido recentemente lançado no Brasil e me deixou bastante instigado a pensar o espaço como algo que pudesse ser "navegado" ou pensado em termos dinâmicos. Senti falta de um Atlas dinâmico do Brasil colonial. Anos depois, já na UnB, pensei em transformar isso em um projeto de pesquisa e foi assim que nasceu o Atlas Digital da América Lusa.

Espacialidades: O jornal *Folha de São Paulo*, em 10 de outubro de 2011, apresentou a matéria “A história com mapas digitais”, originalmente publicada pelo *The New York Times*, falando justamente da importância de um novo sistema, o Geographic Information Systems (GIS), como uma nova ferramenta e fonte para os historiadores. Em sua opinião, qual a importância do uso de atlas e mapas digitais pelos historiadores, notadamente aqueles que trabalham com categorias espaciais?

Prof. Dr. Tiago Gil:

A importância me parece grande, mas nem todos concordam com isso ou se entusiasmam com a ideia. O uso desses recursos é ainda muito limitado, ainda que esteja crescendo muito. Na verdade, o consumo de mapas pelos historiadores é bastante reduzido, mesmo entre aqueles que trabalham com categorias espaciais. Os historiadores se sentem mais cómodos com textos e preferem ficar nessa zona de conforto. Quando usam mapas, quase sempre são reproduções editadas, o que é ruim pois geralmente são confusas e anacrônicas. Acredito que a cartografia pode ser uma linguagem muito importante e os historiadores deveriam aprender a contar suas histórias não apenas com palavras, mas com linhas, pontos e polígonos.

Espacialidades: “Desde há muito, os historiadores usam textos para contar histórias”. Assim inicia-se o artigo publicado na Revista de História (USP), escrito pelo senhor e pelo pesquisador. Leonardo Barleta (Stanford University), intitulado *Formas alternativas de visualização de dados na área de História: Algumas notas de pesquisa*. Levando-se em consideração esse trecho, quais os possíveis caminhos teórico-

metodológicos para os historiadores que desejam contar suas histórias não tão somente por textos, mas, sobretudo por meio de mapas e atlas?

Prof. Dr. Tiago Gil:

Em primeiro lugar, aprender a consumir mapas. Há poucos cursos de história em que a leitura e interpretação de mapas é objeto de estudo. Sabendo ler um mapa com qualidade, já temos um bom caminho para sua produção. De resto, me parece importante conhecer um pouco sobre semiologia gráfica, algo que parece complicado mas não é mais complexo do que discutir objetividade nas ciências humanas, o que fazemos em todos os cursos. Feito isso, o aprendizado de um software pode ajudar na parte visual, pois facilita muito o trabalho básico. O resto é trabalho de historiador.

Espacialidades: Em trabalho desenvolvido no Laboratório de História Social da Universidade de Brasília, o senhor coordena atualmente o projeto *Atlas Digital da América Lusa*. Poderia nos falar mais a respeito dessa ferramenta? De que forma os historiadores podem utilizá-la como fonte e também colaborar para manutenção dessa plataforma digital?

Prof. Dr. Tiago Gil:

O Atlas é como um *Google Maps* do Brasil colonial, no sentido de apresentar o conjunto da América Portuguesa e permitir um *zoom* até as ruas das vilas. Contudo, diferentemente do *Google Maps*, o Atlas permite que se selecione um período de tempo, que pode ser um dia, um mês, uma década ou qualquer outro recorte. Isso permite ao usuário observar o espaço ao longo do tempo. Por outro lado, a ideia central do Atlas é ser

uma ferramenta colaborativa, na qual o usuário também possa enviar conteúdos para complementar e corrigir as informações que ali estão. Na página do projeto temos um leque de opções de colaboração, dentre as quais destaco a produção de verbetes de enciclopédia digital sobre os diversos lugares que compunham a América Portuguesa. Ninguém é melhor que os historiadores regionais para tratar disso e essas contribuições têm melhorado muito a qualidade do Atlas.

Espacialidades: O senhor, recentemente, publicou um livro tendo como base o que se tem produzido no *Atlas Digital da América Lusa*. Fale-nos sobre o processo de seleção de conteúdo para o livro, as expectativas acerca de repercussão do livro e o público alvo que se desejava alcançar.

Prof. Dr. Tiago Gil:

Recentemente lançamos o "Atlas Histórico da América Lusa" que é UMA versão impressa (e não A versão impressa) do Atlas Digital. Fizemos isso porque dispúnhamos de uma quantidade enorme de informação já sistematizada no Atlas Digital que não era consumida porque muitos usuários não paravam para pensar possibilidades de comparação e análise daqueles dados. Pensamos em propor a nossa leitura "já pronta" daquele conjunto, uma vez que o atlas exibe apenas aquilo que o usuário marca para ver (ele deve selecionar os conteúdos que quer ver). Muitos historiadores nos diziam que não sabiam o que selecionar e por isso não gostavam de usar o atlas. Fizemos essa leitura para mostrar o potencial da ferramenta digital. Escolhemos temas clássicos, como o processo de ocupação (através da fundação de vilas), a criação das capitâneas e sua

dinâmica no tempo (ao contrário da velha representação em retângulos que iam da linha de Tordesilhas para o litoral, válida por pouco tempo), as ligações econômicas, a localização de alguns grupos indígenas, dentre outros. O resultado é uma publicação voltada para os estudantes de História, pesquisadores e professores de História da educação básica. Ainda é difícil saber a repercussão da obra, mas os primeiros sinais têm sido muito positivos.

